

# *Auto do Nascimento do Menino Sagrado*

Organização, introdução e notas de  
António Bárbolo Alves  
(Bolsheiro da Fundação para a Ciência e a Tecnologia  
e do Ministério da Educação)

## FICHA TÉCNICA

Título: *Auto do nascimento do menino Sagrado*

© Centro de Estudos António Maria Mourinho e António Bárbolo Alves

1ª Edição: Dezembro de 2007

Edições do Centro de Estudos António Maria Mourinho

Biblioteca Municipal

Rue de l' Cumbento, s/n

5210-021 MIRANDA DE L. DOURO

centro.amm@gmail.com

<http://ceamm.no.sapo.pt>

<http://tpmirandes.no.sapo.pt>

## **1. Versões existentes do Centro de Estudos António Maria Mourinho**

No CEAMM existem três exemplares, dactilografados, com vinte e oito páginas.

No “original”, reproduzido na versão digitalizada, encontramos algumas correcções e emendas da autoria do Dr. António Mourinho.

## **2. Origens**

O texto deste “auto” imerge-nos directamente nas representações litúrgicas ligadas ao ciclo Natalício. Os temas bíblicos estiveram na origem de muitos textos e representações, anteriores ao aparecimento do próprio teatro enquanto espectáculo concebido para um público. Garcia de Resende, por exemplo, dá-nos conta de uma representação, em Évora, intitulado *O Paraíso*, por ocasião do nascimento do filho de D. João II. Mas a tradição das Terra de Miranda não é apenas herdeira do teatro que se fazia em solo português. As representações litúrgicas dos terreiros zamoranos, salmantinos ou mesmo de Valladolid tiveram aqui os seus ecos e, por certo, terão ajudado a consolidar essa longa tradição teatral. Por isso, não é de estranhar que alguns destes textos se tenham conservado nesta região e, de uma forma geral, no Nordeste Português.

## **3. Representações**

Não conhecemos nenhuma referência concreta a representações que tenham ocorrido da totalidade deste *auto*. Contudo, como se pode constatar pelas nossas edições, ele inclui textos mais pequenos, passíveis de serem representados separadamente. A EMBAIXADA, por exemplo, foi representada, em Duas Igrejas, durante muitos anos, no dia de Natal e dentro da Igreja. Refira-se ainda que numa folha solta, agrafada no início de uma das versões, se pode ler, em letras manuscritas da autoria de António Mourinho: *Auto do Natal, 1980*. Desconhecemos se esta menção faz referência ou não a alguma representação que tenha sido feita nesse ano.

DIZ SEMEÃO

Alto Deus de Israel  
Já que me destes por sorte  
Suposto que sou indigno  
De chegar a sacerdote.

E administrador  
Desse vosso templo santo  
Me concedeis senhor enquanto  
Vos suplico senhor  
Que influais no meu peito  
O que devo obrar  
Do que vós tendes eleito.

*Maria sai-lhe diante:*

SEMEÃO

Pura e casta menina  
Vejo-me admirado  
E não fico satisfeito  
Sem que vós tomeis estado.

Por vossa exemplar vida  
É preciso satisfazer  
Ao vosso merecimento  
Querendo vós conceber.

Assim é minha vontade  
Que vós haveis de casar  
Pois esse é o estado  
Que vós haveis de tomar.

MARIA

Meu sábio e santo senhor  
Sou vossa de coração  
Em porém de muito alheia  
Da vossa resolução

Não somente por me achar  
Muito de menor idade  
Mas porque fiz ao altíssimo  
Voto de castidade.

SEMEÃO

Suposto que tenhas feito  
Voto de castidade  
O que muito me admira  
Dessa tão tenra *idade*.

Vós deveis obedecer  
Às leis do mesmo senhor

Que tudo vos determina  
Tudo por vosso amor.

MARIA

Eu sempre determinei  
Em este estado viver  
Vivendo até à morte  
Sem outro estado querer.

Por amor do mesmo Deus  
A quem adoro e venero  
A quem tomo por esposo  
Outro estado não quero.

SEMEÃO

O vosso firme propósito  
Rica bela menina  
Bem satisfeito me deixa  
E a mim mesmo me convinha.

Mas a origem deste templo  
Que as leis obedeçais  
As meninas primogénitas  
Que no templo habitais.

MARIA

Mas como será possível  
A meu Deus obedecer  
Para estado de casada  
Isso não pode ser.

Fiz voto ao senhor  
De o servir de solteira  
Se me caso já não fica  
A palavra verdadeira.

SEMEÃO

Muito vos louvo menina  
Esse vosso génio  
Mas o senhor não toma  
Isso em tédio.

Porque também de casada  
Ele vos há-de aceitar  
Esse é o estado  
Que vós haveis de tomar.

MARIA

Como sabeis e guardais  
Sacerdote santo justo

As leis do mesmo Deus  
A quem eu me atributo.

E como *tremente*<sup>1</sup> do mesmo  
A cumprim-las me obrigais  
Obrarei por seus preceitos  
O que me determinais.

SEMEÃO

Rica ilustre jóia  
Quero-vos dar um varão  
Grande gosto recebo  
Com vossa resolução.

Mas como duvido achá-lo  
Ao vosso merecimento  
Quero mandar chamar  
Os do vosso nascimento.

Da família de David  
Para neles escolher  
O que Deus escolher  
Esse é que há-de ser.

*Sai a Senhora ao retiro e posta de joelhos diz:*

MARIA

Altíssimo senhor,  
Bem conheceis a firmeza  
Que em meu coração cabe  
Se ser vossa *belesa*.

Eu vos dei minha palavra  
De minha *puresa* conservar  
Porém vosso mistério  
Meu intento fez mudar.

Se assim é vossa vontade  
Assim o quero aceitar  
Consolai-me Deus divino  
No que devo obrar.

ANJO

Obedece ó Maria  
Ao que Deus determina  
Pois o tu seres casada  
Ainda Deus mais o estima.

MARIA

Ó céus! Ó céus ensinai-me

A louvar constantemente  
A quem fez tantas *bonrras*  
A quem quero louvar sempre.

*Vai-se e sai Semeão e os varões diante e diz:*

Um de vós outros amigos  
O céu hoje vos escolhe  
Para jardim da melhor flor  
E da *cussena*<sup>2</sup> mais nobre.

Recosto de melhor árvore  
Norte da melhor estrela  
O que for entre vós  
Escolhido por ela.

Há-de ser feliz esposo  
Da filha de Joaquim  
E de Ana sua mulher  
Deus o determina assim.

*Dizem todos:*

Eu não mereço, não, não  
Eu não mereço tal sorte  
Eu não mereço a dita  
De lograr esta consorte.

SEMEÃO

Da família de David  
Não vos podeis defender  
Há-de ser aquele esposo  
Que se há-de receber.

*Todos:*

Eu não mereço não, não

SEMEÃO

Reverentes, implorai  
Ao patrocínio celeste  
Daquele Deus onnipotente  
Com espírito celeste.

Que se queira dar sinal  
De quem há-de ser a guia  
Daquele vaso famoso

---

<sup>1</sup> Por “temente”.

---

<sup>2</sup> Por “açucena”. A flor da açucena é, muitas vezes, símbolo de Cristo, mas também o próprio São José aparece representado com uma açucena na mão.

E de sua serva Maria.

Pois prenda como aquele  
Cárcere, amparo *honroso*  
Um de vós que aqui estais  
Há-de ser o seu esposo.

*Todos:*

Eu não mereço não, não

SEMEÃO

Obedecei ao mandado  
Estas varinhas tomai  
Sequinhas como estão  
E com viva fé orai.

Aquele Deus de Israel  
Que nelas queira mostrar  
Algum sinal evidente  
De quem a há-de lograr.

*Deu-lhe as varas e posto de joelhos diz Semeão:*

Ó meu Deus de *Esrael*  
Quem há-de ser o esposo de  
Maria tão fiel

*José tira uma vara florida e diz:*

Ó Deus! Ó céus piedoso  
Estou louco e perturbado  
Ou é defeito da vista  
Ou a vara me hão trocado

*Dizem os outros:*

Ditosa dita feliz sorte  
Que serviço é  
Ó que *também*<sup>4</sup> empregada  
Maria para José

JOSÉ

Vós estais-me a lograr  
Vós trocastes me a vara  
Esta vara não é minha  
Esta vara é trocada.

*Dizem dos dois varões:*

Ditosa dita feliz sorte  
Que servido é  
Ó *também*<sup>4</sup> empregada Maria  
Para José.

JOSÉ

Deixai-vos de parabéns  
Tal sorte não pode havê-la  
Eu não mereço ser esposo  
Daquela linda estrela.

SEMEÃO

É para vós escolhida  
Disponde os desposórios  
Pedindo a Deus auxílios  
Com ânímos fervorosos.

JOSÉ

Sacerdote justo e santo  
Como pode isso ser  
Dar-me Deus tal fortuna  
Sem eu nada merecer.

Sendo velho, barbado  
Pobre, sem ter fazenda  
Estando estes mancebos  
Abundantes de riqueza.

Sendo ela tão honrada  
E formosa como ela pode *crer*<sup>5</sup>  
Um velho para seu esposo?

Rei de *Esrael* soberano  
Por vossa onipotência  
Pois que vossa clemência  
Governa o género humano.

Declarai-me este ramo  
Que virtude pode ter  
Não haja por aqui serpentes  
Que nele se queira meter.

Meu afecto me procura  
O viver com lealdade  
Nessa mesmo confio  
Sendo da vossa vontade.

*Vai chegando para Maria e diz:*

---

<sup>3</sup> Por “tão bem”.

---

<sup>4</sup> Por “tão bem”,

<sup>5</sup> “Por “querer”.

Porém Maria aqui está  
Quero chegar a falar-te  
Prima, senhora minha  
Aqui estou para adorar-te.

MARIA  
Esposo, primo e senhor  
Aqui está quem há-de ser  
Serva e escrava vossa  
Para vos obedecer.

JOSÉ  
Alegre está minha alma  
Minha esposa querida  
Entre dois parabéns  
Sois ditas publicas.

Já este ramo que vedes  
Anúncios de ditas tem  
Que parece a Primavera  
Com suas flores também.

Anúncios me vem a dar  
Duma glória tão singela  
Que parece anunciação  
Baixou do céu à terra.

MARIA  
Ó meu querido esposo  
Para *tu*<sup>6</sup> explicar  
A minha voz mo impede  
A língua mo faz tardar.

Para que somente possa  
Do que é prazer obrar  
Só o silêncio sem voz  
O pode manifestar.

*Recolhe-se e sai José confuso:*

Desvelado de minha dúvida  
Confuso de meus assombros  
Aflito de minhas penas  
E morte de meus afogos.

Nadando em um mar profundo  
De lágrimas que eu choro  
Deixo minha esposa  
Metida em oratório.

Pedindo humildemente  
Aqui para este retiro  
Pedindo a Deus do céu  
Que me queira dar alívio.

Eu vos prometi senhor  
De vos guardar virgindade  
Sem me ser isso penoso  
Sendo da vossa vontade.

Pois para *consulação*  
De *consular* a alegria  
Basta me ver os olhos  
Da minha esposa Maria.

Pois com lágrimas que eu choro  
De perder tão alta prenda  
E preciso perdê-la  
Do que Deus me defenda.

Dai-me uma luz senhor  
Nestas trevas em que estou  
Tirai-me do grande mar  
Em que afogado estou.

ANJO  
O receberes essa esposa  
Não o temas ó José  
Pois o ser a tua consorte  
Do agrado de Deus é.

É a criatura mais bela  
Do lado da castidade  
Fez voto sem ter mester  
De guardar virgindade.

Pois consta das escrituras  
Ser mais bela que Raquel  
E mais *perferida*<sup>7</sup> que todos.

JOSÉ  
Com estas alegres ditas  
Que a minha alma são notórias  
Todas as minhas penas  
Se resolvem em glórias.

Há maior felicidade  
Que ter tão casta esposa  
Há fortuna como a minha

---

<sup>6</sup> Por “to”.

---

<sup>7</sup> Na edição do Padre Firmino Martins lê-se “perfeita”.

Sendo ela tão formosa?

*Tornam a vir diante de Semeão:*

SEMEÃO

Seja muito para bem  
Esta *binda* tão ditosa  
Esta tal sociedade  
De José e sua esposa.

JOSÉ

Esta união perfeita  
Não há outra como ela  
Pois aqui está já o norte  
Daquela linda estrela.

SEMEÃO

Aqui está o daquela estrela  
O norte mais exaltado  
O vaso mais precioso  
Digno de ser venerado.

É um ilustre tesouro  
Unido com esta flor  
Que enriquece todo o mundo  
Com seu ilustre valor.

Será o ditoso José  
De Maria companheiro  
Que há-de servir de guia  
Ao sol mais verdadeiro.

Será Maria primeiro  
Na virtude e no exemplo  
Que há-de servir a José  
Dentro e fora do templo.

Será luz e aurora  
Que *elustrará* seus sentidos  
*Consiguindo* do senhor  
Seus verdadeiros desígnios.

*Tocam e dão as mãos e dizem Semeão:*

SEMEÃO

Minhas rolas belas prendas  
Ide na paz do Senhor  
Obedecei um ao outro  
Por seu divino amor.

Obedecei um ao outro

Com paz e felicidade  
Abençoado sejais  
Da Santíssima Trindade

MARIA

Adeus sacerdote santo  
Adeus doce companhia  
Adeus templo sagrado  
A quem eu tanto queria.

*Vai para o retiro e diz:*

Graças vos dou ó altíssimo  
Pelos grandes benefícios  
Que por vossa onnipotência  
Hoje me são concedidos.

Pois o belo *paranífico*<sup>8</sup>  
Com a sua embaixada  
A *turba*<sup>9</sup> nuvem do meu peito  
Se *desfêz*<sup>10</sup> sem ficar nada

*Fala para José e diz:*

Aqui está meu doce nobre  
José, esposo meu  
Esta indigna escrava  
Que Deus para vós escolheu.

JOSÉ

Ó estimada esposa  
Eu para vós estou eleito  
Tributando o amor  
Que procede do meu peito

*Dorme José e a Senhora vai ao retiro e prostrada  
de joelhos lê a escritura:*

MARIA

Enquanto meu querido esposo José  
Em doce sono repousa  
Quero eu atenta e mais que saudosa  
Prosseguir nas *professias* de Isaías  
Aonde eu suspenda estes dias  
Minha alma mistérios nota.

Tão ocultos como grandes

---

<sup>8</sup> Por “paranífico”.

<sup>9</sup> Por “turva”, verificando-se, como em outras ocasiões a supressão da oposição entre [b] e [v].

<sup>10</sup> Por “desfez”.

Ó monarca da glória  
Benigno Deus de Israel  
Com vontade heróica  
Mais um retrato humilde  
De tua idade poderosa.

*No cap. 2 prossegue desta maneira:*

Isaías diz que uma virgem  
Feliz e mais que ditosa  
Conceberá e parirá um filho  
Que ao mundo dará glória.

Pode haver maior ventura  
Do que esta que estou lendo  
Como, alma minha, não suspendo  
Estas ponderações  
Com tão saudáveis razões  
O coração não entende.

Bendita seja para sempre  
Vossa santa clemência  
Tua clara estrela ou tua  
*Formosura* que é a do sol  
Que adoro e a justiça há-de ser a bela  
aurora  
Ó céus que mulher tão venturosa  
Ó quem tivera por fortuna o conhecê-la  
Que posta em o mundo tal *honrra* tivera  
Que chegará a conhecê-la  
E ser escrava daquela divina princesa  
*Mãe* do sol que Israel<sup>11</sup>  
Ilustrará com sua glória.

Pois o estar ela no mundo  
É certo segundo o afirmam  
As *professias* e dizem as sagradas letras  
Altíssimo Deus soberano  
A quem minha alma adora  
Se vos não ofendem meus tristes rogos  
Se vos agradais das minhas palavra  
Se vos entretêm meus prantos  
Permiti que eu chegue  
A conhecer esta divina senhora.

E esta donzela as mesmas letras  
O afirmam ser de David descendente  
Mas eu por minha *pobresa*  
Não mereço essa sorte

Assim o medito na verdade  
Suposto que casei com este varão  
Ele fez o mesmo voto  
À minha imitação  
Ó quem será tal senhora  
Ó quem será tal donzela.

ANJO  
Entre todas as mulheres  
Vós sois a escolhida,  
Sois mais perfeita que todas  
Sem pecado concebida.

MARIA  
Céus, que é isto? A esta hora gente?

ANJO  
Aqui venho enviado  
Daquele Deus omnipotente

MARIA  
Confusa estou turvada  
Com o que ouço agora  
Não posso compreender  
Que é isto a esta hora.

ANJO  
Deus vos salve Maria  
Cheia sois de graça mar  
Pois o senhor é convosco  
Por uma união singular.

MARIA  
Suspensa estou confusa  
Com esta saudação  
Com ela se abre meu peito  
Revive meu coração.

ANJO  
Não temas que achaste graça  
Nos olhos do padre eterno  
Há-de conceber e parir  
Um filho primogénito.

A quem se chamará Jesus  
Que será grande chamado  
Filho de Deus ocupando  
De David o reinado.

E na casa de José,  
Para sempre reinará,

---

<sup>11</sup> A forma que nos aparece no nosso texto é “esrael”.

E o seu reino  
Nunca mais fim terá.

MARIA

Fiz voto de castidade  
Já isso não pode ser  
Nunca conheci varão  
Nem o posso conhecer.

ANJO

Sem conhecer varão  
Vós haveis de conceber  
Parireis ficando virgem  
Pelo divino poder.

Pois sobre vós virá  
O divino Espírito Santo  
E a virtude do altíssimo  
Vos cobrirá enquanto.

E de vós há-de nascer  
O santo rei de Israel  
Que será filho de Deus  
Jesus Cristo Manuel.

Pois sabei que vossa prima  
Estimada Isabel  
Concebeu há seis meses  
Sendo ela já estéril.

Pois esta é a vontade  
Daquele divino senhor  
Que tudo pode e promete  
Por seu divino amor.

*Sai a pomba e tocam.*

MARIA

Aqui está senhor  
A vossa serva e escrava  
Faça-se em mim  
Segundo a vossa palavra.

Adeus mensageiro santo  
Adeus doce companhia  
Adeus templo sacrário  
A quem eu tanto queria.

*Visitação de Santa Isabel.*

*Virá S. José e a senhora, acompanhados dos  
pastores com muita alegria cantando. E santa*

*Isabel com os pastores Balo e Pascoal, para saber  
que festas são aquelas  
Sai Balo e diz:*

Donde são tantas glórias  
Que escuto e não vejo  
Parecem cousas do céu  
Valha-me Deus que festejo.

Que música será esta  
Que me faz endoidecer?  
Donde é o seu principio  
Não o posso conhecer.

Isto são cousas do céu  
Que ao mundo querem baixar  
Meu coração o adivinha  
Só me dá para bailar.

Mai ai, que quererá ser  
Que admirado me tem  
No meio de tantas luzes  
Minha senhora só vem.

ISABEL

Balo, tu não ajuízas  
Música tão singular  
Eu suspensa [de] ver  
O que não posso alcançar.

BALO

Só os meus ouvidos logram  
Mas não posso explicar  
Pois não há língua nem boca  
Que possa pronunciar.

ISABEL

Vê se podes compreender  
Donde nasce tal prazer  
Pois música tão singular  
Só do céu pode descer.

BALO

Eu ouvi foi cá de longe  
De certo não conheci  
E não sei que possa ser  
Outra cousa ainda não vi.

Serão os vossos pastores  
Por virem a conhecer  
Pois vós de velha estéril

*Chegasteis a conceber.*

Pois a todos dá prazer  
Esta grande novidade  
Muitos não cabem na pele  
E eu sou uma na verdade.

ISABEL

Novidades que eu experimento  
Não compreendo na verdade  
São de Deus de Israel  
Ou festas de piedade.

PASCOAL

Pasmado estou senhora  
E admirado me vejo  
Com tão grande alegria  
E *tam* belo festejo.

Tu que dizes Isabel<sup>12</sup>  
Vê se podes compreender  
Tão singular alegria  
Donde vem a proceder.

Vós senhora não sabeis  
Uma grande maravilha  
Que chegaram os pastores  
De vossa prima Maria.

As árvores lançam flores  
As aves cantam suave  
Que denotam Primavera  
Na verdade, na verdade.

ISABEL

Pascoal eu não alcanço  
Nem posso compreender  
Tira-me deste cuidado  
Diz-me que pode isto ser.

PASCOAL

Os pastores acompanham  
De vontade muito bela  
Deixaram os seus rebanhos  
No alto cume da serra.

ISABEL

Mais que feliz e ditosa  
Se minha prima Maria  
Me vem ver a minha casa

Dando-me tanta alegria.

Ó ditosa e feliz vinda  
De minha prima Maria  
Despovoi as cabanas  
Mostrai vossa *visarria*<sup>13</sup>  
Já que os montes florescem  
Com a vinda de Maria.

Juntai-vos com alegria  
E vinde-me acompanhar  
Que eu vou receber  
Aquela estrela-do-mar.

*Juntam-se:*

O senhor venha convosco  
Rica jóia, prenda minha  
Pois a *consular-me* vindes  
Dando-me tanta alegria

A vossos pés me dai licença  
Que ofereça minha vontade  
Pois me *viesteis* a dar  
Tantas *bonrras* na verdade.

Dá-me a glória de teus braços  
Para formar amorosos braços

Que língua haverá no mundo  
Que possa explicar  
O gozo que minha alma recebeu  
Pois o fruto do meu ventre  
Se humilhou  
E se celebram os mistérios mais

Mais altivos da vossa vista nascidos,  
Pois o fruto do meu ventre se humilhou,  
Reverente, altos são os mistérios sublimes  
Estes prodígios, já vejo prima e senhora  
minha  
que sois a cidade mais forte que em si  
encerra  
o mais valoroso tesouro. Vós sois a carta  
*fexada*  
em que o padre eterno escreve as mais  
cientes letras  
para os sábios do mundo empregarem os  
seus desvelos.

---

<sup>12</sup> “esabel”, no original.

---

<sup>13</sup> Por “bizarria”, ou seja, galhardia. Note-se, neste caso, a troca de [b] por [v].

Vós sois aquela donzela nuvem por onde o divino sol transpira com os seus dourados raios. Bendita sejais para sempre entre todas as mulheres, pois no vosso ventre se encerra o fruto da melhor árvore que há-de dar vida e salvar o seu povo venturoso.

#### MARIA

Prima e senhora, Altíssimo onnipotente, fortalecei o meu espírito.

Minha alma reforça e recreia, pois sendo a mais humilde serva me vejo aclamada por bendita entre todas as mulheres, entre todas as gentes mais estranhas nas cidades, aldeias e montanhas. Estes são os portentos com que o altíssimo me favorece, e o seu grande nome me aclama, pois se dignou alumiar-me de pousada em pousada, sendo sempre minha guia nesta jornada, abrandando os soberbos que altivos se mostravam, e engrandecendo os benignos e humildes que miseráveis se achavam.

#### ISABEL

Vinde, vinde já custódia santa, trazer vida suave aos enfermos da primeira culpa, vinde, luz, da palestina, alegrar com a voz divina o ditoso infante, que em meu ventre se acha saltando, neste instante dando claros indícios de sua dita em meu gozo.

*Abraçam-se e dizem Isabel:*

Tornai-me a dar os braços rico cofre, donde hoje se despendem os melhores tesouros para enriquecer a casa de Zacarias, que mudastes com alvoroço de tanta alegria e a esperar-vos estamos carroça de ouro em que se muda aquele divino *vervo*<sup>14</sup> encarnado.

Vamos exemplo de humildade, aqueduto da divina graça, vamos águia-real que pelas dilatadas montanhas voas. Voaste para com vossas asas, agasalhar esta família vossa que com gozo vos esperava.

#### MARIA

Vamos amada prima  
E cantem os pastores  
A misteriosa vinda.

*Cântico dos pastores:*

Ó bela Maria, Maria sagrada  
A bela Maria seja bem chegada.

*Zelos de S. José:*

Suspense, vivo confuso, aflito, pasmado me considero, ai Deus eterno como é possível, que meu espírito se não extinga, que minhas carnes se não sequem, que minha língua se não emudeça, que minha alma se não aparte deste infeliz cárcere em que habita, vivendo com uma ilha de fogo que por dentro assumam as acendidas labaredas e por fora assombros cruéis e furiosas tempestades. Ó céus que mar de aflições; piedoso Deus eterno, consolai este afligido, vede quem triste e penoso naufragando entre as ondas e temores e assombros; ai de mim, como é possível que Maria! Ai que digo céus!

Como me atrevo, imaginando, não creio que Maria me ofendesse, nem é possível, mas que digo, ela crescida do ventre está, ela não mostra moléstia donde isto lhe resulte, prenha sem dúvida está.

Mas como me atrevo a preferir contra sua grande virtude, de castidade e exemplo.

É erro, é erro, é engano de meus olhos, Maria não me ofendeu nem é possível, pois Maria é mais pura que os céus, é erro e ilusão minha. Seu resplendor tão luminoso, aquela águia-real, aqueles olhos serenos hão-de atrever-se a profanar sua *honrra*, sua família, sua linhagem.

Valha-me o céu que é isto? Eu se afirmo nela os olhos fazem certa minha suspeita, seu crescido ventre bem o manifesta. Prenha sem dúvida está minha esposa.

Dai-me favor céus piedoso, entre tantas angústias e pesares que já conheço.

---

<sup>14</sup> Por “verbo”.

Ó que mentiras fantasias, põe a minha dita em estorvo, mistérios são que não alcanço, os que neste *cucico*<sup>15</sup> noto.

Ora é possível e não creio nem crer posso, que possa haver mácula naquele Sólido<sup>16</sup> de Castidade, donde o sol entra de pólo a pólo.

É engano meu, erro é, que Maria não me ofendeu, seria engano dos olhos pois já se me enfusca a vista do luzeiro, mais formoso, mas ai, que talvez será, porque os temores cegam da alma os olhos, sendo minha esposa, prima de meus olhos, filha de Joaquim e de Ana, daquele nobre tronco.

De David descendente, ela de castidade fez voto entre todos o mais puro e perfeito, mentem, mentem, que Maria é mais pura que os céus.

Mas, que vejo céus! Eu se reparo já estou certo, e mais que certo estar. Aqui há mistério; porém se está prenha que mistério pode haver. Todos dirão que o filho é meu, eu nunca a conheci.

Céus que aflição tão cruel, Deus divino *consulai-me*, para eu dar parte às justiça e acusá-la em adultério fica em *deshonrra* e *despreso* meu, eu para a deixar parir em casa, não sendo o filho meu, não posso tal consentir.

Divino Deus de *Esrael*, inspira-me algum auxílio, no que devo de obrar sem que fique ofendido. Porém, melhor acho ausentar-me e deixá-la. Mas ofendo sua *honrra* e fama, e então antes eu seja ofendido, melhor me é passar a terras estranhas e desterrado viver, do que entre os amigos com desdouro e vergonha. Ai que dor! Que será desta menina sem amparo nem favor, vendo-se entregue à tragadora roda da fortuna que consoma sua *honrra* e fama. Mas não há remédio! Deixá-la, sim ausentar me quero. Deus

---

<sup>15</sup> Trata-se de uma forma cujo sentido desconheço. De referir que ela se encontra, também assim grafada, na edição do Padre Firmino Martins.

<sup>16</sup> Palavra que significa trono, cujo registo denuncia, tal como outras (desdouro, etc.) que o texto foi originalmente escrito por um letrado e conhecedor profundo não só da língua portuguesa como também dos textos bíblicos.

poderoso<sup>17</sup>, *consolai* a este velho cansado de aflições e consumido. Valha-me os céus que desmaiado me parece um doce sono me convida para viver se entregue ao sono algum alívio ou alcance das minhas penas.

*Dorme José.*

ANJO

Recorda José recorda  
Pois és ilustre varão  
Torna para tua esposa  
Tira-te desta aflição.

Sim é certo estar prenha  
Não foi obra de varão  
Mas sim do divino Espírito Santo  
Por divina *onião*.

Tua esposa é aquela  
De quem fala Isaías  
Donde há-de vir ao mundo  
O verdadeiro Messias.

JOSÉ

Ó doce mensageiro  
Não me deixes nem suspendas  
Ó doce da embaixada  
Foi-se, foi-se.

Há fortuna como a minha  
Há maior felicidade  
De quantas no mundo nota  
Não há outra na verdade.

De que ter *tam* casta esposa  
Do jardim a melhor flor  
Ajudai-me anjos do céu  
A louvar o criador.

Volto para minha esposa  
Vou-lhe pedir perdão  
Daquela falsa suspeita  
Que entrou no meu coração.

Mas que digo agora  
Como poderei chegar  
Perante seus divinos olhos  
Depois de a ultrajar.

---

<sup>17</sup> Na nossa versão lê-se “poderoso”.

*Ultragei* sua virtude  
Sua pura castidade  
Sendo uma fina pérola  
Símbolo da virgindade.

Mas não posso escusar-me  
A seus pés vou render-me  
Vou-lhe pedir perdão  
Pois mo há-de conceder.

Formosa luz de meus olhos  
Norte da minha velhice  
Consolo de minhas penas  
Perdoai minha doidice.

Perdoai minha senhora  
Minhas atrevidas suspeitas  
Com que vos agravei  
Nas palavras imperfeitas.

Pois mistérios tão altivos  
Não poderia alcançar  
Aqui estou para servir-vos  
Como escravo leal.

Perdoai senhora minha  
Que são cousas de velhice  
Pois considero senhora  
Que fiz grande parvoíce.

MARIA  
Amado esposo meu  
Muito bem reconhecia  
O horroroso tormento  
Quanto vos afligia.

Mas não era permitido  
O poder-vos revelar  
Mistérios tão altivos  
Haveis de me perdoar.

JOSÉ  
Alegre-se todo o mundo  
Ajudai-me a louvar  
Aves, montes e plantas  
E peixes do mar.

A louvar tão grande dita  
Como o céu me favorece  
Ó que ditosa fortuna  
Para quem a não merece.

*Recolhem-se e dirá o pregoeiro:*

PREGOEIRO

Vão todos a Belém pagar o tributo a César.

*Sairá logo José com quem anda passeando e voltando-se para a senhora lhe diz o que ouviu ao pregoeiro.*

JOSÉ

Ó clara luz de meus olhos, agora que queria empregar-me gozoso em te servir, a diversa fortuna me estorva os meus sinceros desejos, pois se deu preção senhora em toda essa cidade para ir a Belém, a César o tributo pagar, o que se não pode escusar de eu esta jornada dar. Mas quanto sinto, amante senhora, o ver-vos tão chegada ao posto e não poder-vos servir-vos como pedia a minha sincera vontade, mas não se pode escusar de eu esta jornada dar. O senhor será convosco, licença me concedei para jornada fazer.  
Ó que penas!

MARIA

Uma graça vos quero pedir  
Que me haveis de conceder  
Levar-me em vossa companhia  
Isso vos convém fazer.

JOSÉ

Como podereis senhora  
Aturar esta jornada  
Trinta léguas de comprida<sup>18</sup>  
E tão áspera estrada.

MARIA

Quero-vos acompanhar  
Porque indo ao vosso lado  
Os tormentos me dão alívio  
As penas nenhum cuidado.

JOSÉ

---

<sup>18</sup> A distância entre Nazaré e Belém é de, aproximadamente, 150 quilómetros, o que corresponde, de facto, às trinta léguas aqui referidas.

Vamos meu sol rutilante  
Já se esforça meu peito  
Já se *mitigam*<sup>19</sup>  
As penas que eu aceito.

Ó que dor sente minha alma  
O ver-vos peregrinar  
Vamos prenda rica  
Para Belém marchar.

MARIA  
Esforcemos nossos passos  
Tudo quanto poder ser  
Para buscarmos pousada  
Antes de anoitecer.

Que a noite está chegada  
E o grande rigor do frio  
Deus nos dê para pousada  
Onde tenhamos abrigo.

JOSÉ  
Alegrai-vos prenda minha  
Que já sinto um rumor  
Julgo cedo acharemos  
Quem nos faça o favor.

Se acaso me não engano  
Pois não é minha vontade  
Eu já descubro uns muros  
Parecem duma cidade.

MARIA  
Deus nos *conssole* esposo  
Com seu divino favor  
Pois do frio se não pode  
*Soportar* nem um rigor.

JOSÉ  
Já, minha senhora, estamos  
Na cidade sem perigo  
Esperai enquanto busco  
Quem nos dê algum abrigo

*Chama*

Oilá! Oilá!  
Seja Deus aqui.

JORGE  
Oilá, oilá, quem esta aí  
Já havia muito tempo  
Que estava descansando  
Diga de lá o que *quere*  
Se não vá caminhando.

JOSÉ  
Amigo de minha alma  
Sou José, vosso parente  
Que cheio de muito frio  
Venho feito penitente.

Venho eu e minha esposa  
Em que vossa casa esperamos  
Esta noite algum abrigo  
Pois é o que desejamos.

JORGE  
Está um forte parentesco  
Ainda não buscaste má traça  
Pois parentes como esses  
Não entram em minha casa.

JOSÉ  
Valha-me os céus que frio  
Vamos senhora adiante  
Aguardai que aqui está  
A casa de um viandante.

Chamarei a ver se temos  
Fortuna mais melhorada  
Pois a gente desta casa  
Sempre foi muito honrada.

*Chama*

Oilá! oilá!  
Deus lhe dê a sua glória.

JACÓ  
Que gritarias são estas  
Que temos aqui a esta hora.

JOSÉ  
Amigo, peço-te que obres  
Comigo de caridade  
Vimos eu e minha esposa  
Com grande necessidade.

Peço-te que nos recolhas

---

<sup>19</sup> Por “mitigam”? Na edição publicada por Azinhal Abelho lê-se: “Já se mitigam nele”.

Não te queremos nada  
Vimos cosidos com frio  
Por quem sois dai-nos pousada.

JACÓ  
Se fosses bem procedido  
E tua mulher *honrrada*  
Assim que entrastes na cidade  
Havíeis de achar pousada.

Muitos, muitos *abrejeirões*<sup>20</sup>  
Me têm hoje amofinado  
Fora lá ó brejeirão  
Não sejas tão confiado.

Zolem, Zolem, brejeirões  
Zole, zole, canalha  
Que a marotos como esses  
Não lhe quero dar pousada.

JOSÉ  
Senhor, não te *enforeças*  
Porta-te com paciência  
Que a Deus me dará remédio  
Pela sua clemência.

Ó céus, ó céus acudi-me  
Ó Deus de suma bondade  
Movei esta gente crua  
Que tenha mais piedade.

Não vos aflijais senhora  
Com gente tão arrenegada  
Vamos aqui adiante  
Que lá nos darão pousada

Que lá tenho um amigalhão  
Que em tempo regalei  
Amigo sem ter falença  
Não sei se o acharei.

Sua boa condição  
Por certo me faz crer  
Que tanto que nos ouviu  
Que nos virá recolher.

*Chama*

Oila! Oilá! Ó senhores!

LUCAS  
Quem são esses batedores?

JOSÉ  
É o vosso amigalhão  
Carpinteiro José  
Bem me podes conhecer  
Do tempo de Nazaré.

LUCAS  
Ai, ai, ai, que gostos estes  
A tais horas, és dos comilões  
Que das dúzias andavam em Nazaré.

JOSÉ  
Já com o rigor do frio  
Não posso explicar na verdade  
A miséria em que vivemos  
Tende de nós piedade.

Vimos eu e minha esposa  
Cosidinhos com frio  
Corremos toda a cidade  
Sem acharmos um só abrigo.

LUCAS  
Vai-te escapando maroto  
Antes que a mais passemos  
Outra casta de gente  
Já cá a recolhemos.

Não os hei-de lançar fora  
Que são homens verdadeiros  
Para recolher pobretões  
Fora, fora caloteiros.

JOSÉ  
Ora senhor já por mim  
Não vos importunava  
Porem por minha esposa  
Que vem *quasi* trespassada.

Com grande rigor do frio  
*Quasi* para parir  
Como ficará na rua  
Haveis de lhe acudir.

Por quem sois dai-nos uma loja  
Tende de nós compaixão  
Lá estaremos com as bestas

---

<sup>20</sup> Na versão do Padre Firmino Martins lê-se “brejerões” e na de Azinhal Abelho “mandriões”.

Tirai-nos desta aflição.

LUCAS

Eu dos dias em que me lembro  
Com outra tal ciganada  
Não me vi tão perseguido  
A pedirem-me pousada.

Eu se não fora de noite  
E armar alvoroço  
Ia pôr-vos em esterco  
E cortar-vos o pescoço.

Ide para fora dos muros  
Depressa não devagar  
Que lá achareis uma cova  
Aonde podereis ficar.

E se não dormi na rua  
Fora, fora canalhada  
Que a marotos como esses  
Não lhe quero dar pousada.

JOSÉ

Deus eterno, *piadoso*<sup>21</sup>  
Eterno por união  
Dai-nos, Senhor, um consolo  
Tirai-nos desta aflição.

Vamos luz de meus olhos  
Vamos que aqui está  
A cova, entremos nela  
Que Deus nos acudirá.

MARIA

Vamos, não aflijais  
Que tudo isto será  
Mistério do senhor  
Cujos nos acudira

*Entram no presépio nasce o menino com luzes e diz:*

MARIA

Perdoai o agasalho  
Sacro Deus omnipotente  
Que prostrada a vossos pés  
Vos adoro reverente.

Ó se eu tivera tudo

Quanto no mundo havia  
Tudo sem ficar nada  
Era o que vos oferecia.

*José de joelhos:*

Verbo divino, doce infante  
Amor divino, divino amante  
Amor de minha alma  
Aqui está rendido  
José, vosso escravo  
Pai putativo.

Que nada tem que vos possa dar  
Só o coração se vos agradar;

Desejara ter eu todos os regalos  
Do mundo todo para tributar-vos.

Só sim vos farei para encostar-vos  
Um berço novo se vos agradar

E se não ficardes com ele satisfeito  
Perdoai senhor  
Todo meu defeito.

*Vai o Anjo ás montanhas onde os pastores estão  
dormindo e só um acordado, é Justo*<sup>22</sup>.

ANJO

*Alvíceras* ó pastores  
Vos venho anunciar  
Que nasceu o rei da glória  
Que o mundo há-de salvar.

Recordai se estais dormindo  
Desse sono ocupado  
Que vos venho dar por novas  
Que Jesus Cristo é nado.

Despovoi as cabanas  
Ponde os gados em guarda  
Vinde ver o Deus Menino  
Filho da virgem sagrada.

Pois nesta noite nasceu

---

<sup>22</sup> Como se pode constatar pela edição digitalizada, esta anotação foi acrescentada, manualmente, pelo Dr. Mourinho. Na versão publicada pelo Padre Firmino Martins diz-se que entram os quatro pastores.

---

<sup>21</sup> Cf. mirandês “piadade” e também “piadoso”.

O destruidor do pecado  
Em Belém o achareis  
Numas palhinhas deitado.

JUSTO  
Ó Roque, Felíneo e Lucas  
Vós não quereis acordar  
Não ouvistes uma voz  
Que me fez atormentar.

ROQUE  
Ora deixa-me dormir  
Não me estejas a asnear  
A culpa foi da *burracha*<sup>23</sup>  
Que me fez *estoutibear*<sup>24</sup>.

FELÍNIO  
Não digas isso meu Roque  
Que eu estava dormindo  
Acordei a uma voz  
Que o mundo era remido.

LUCAS  
Não que Roque é muito asno  
Eu ouvi com atenção  
Uma voz muito suave  
Dentro do meu coração.

JUSTO  
Eu mal cheguei a ver  
Uma voz muito suave  
Metida em uma luz  
Que me chega na verdade.

ROQUE  
Eu disse nada ouvi  
Que dormia muito bem  
Mas sonhei que entrara  
Um grande rei em Belém.

FELÍNIO  
Em Belém percebi eu  
E também em Isaías  
Que falava aquela voz

Na vinda do rei Messias.

LUCAS  
Meus companheiros leais  
Nada podeis duvidar  
O ser certo já nasceu  
Quem o mundo há-de salvar.

JUSTO  
Amigos sem dilatarmos  
Vamos a ver o que convém  
Chegou o nosso resgate  
Vamo-lo ver a Belém.

FELÍNIO  
Não é jogo de rapazes  
Isso tem mais que dizer  
Nós havemos de ir todos  
E levarmos que comer.

LUCAS  
Tomai maduro conselho  
No que devemos obrar  
Este menino é rei  
Como ele não há que brincar.

JUSTO  
Cuide cada um de nós  
O que havemos de levar  
Que só das nossas visitas  
Pouco se lhe pode dar.

ROQUE  
Vamos pôr-nos a caminho  
Como assim nos convém  
Se virmos que ele precisa  
Comprar-se -á em Belém.

FELÍNIO  
Eu também amigo Roque  
Sou do mesmo parecer  
Que levemos pão e carne  
E vinho para beber.

LUCAS  
Vamos lá ó companheiros  
Com fervorosa atenção  
Oferecer-lhe nossas almas  
Vida e coração.

---

<sup>23</sup> Referência ao recipiente ou pequeno odre, geralmente de couro, embora muitas vezes com o interior em borracha, onde se guarda o vinho e também conhecido por “bota”.

<sup>24</sup> Esta forma é idêntica à que nos aparece na versão do Padre Firmino Martins, na qual se lê “estoutebiar”, enquanto que em Azinhal Abelho se lê “estontear”.

JUSTO  
Dizei-me que pode isto ser  
Que estou louco de contente  
Que uma singular alegria  
Nos mova assim de repente.

ROQUE  
Vejo assombro<sup>25</sup> causante  
Não sei que caso é este  
Parece que vem baixando  
Toda a esfera celeste.

FELÍNIO  
Meus amados companheiros  
A noite parece dia  
Parece que estão saltando  
As estrelas com alegria.

*Aqui cantam Glória*

LUCAS  
Ora vede e escutai  
Parece coisas no céu  
Parece que estão cantando  
Gloria in excelsis Deo.

Tens dúvida, tu não vês  
A lapinha<sup>26</sup> ao redor  
Toda cercada de anjos  
Viste coisa de mais primor.

ROQUE  
Vamos lá amigos meus  
A ver a sua presença  
Cada um de nós  
Lhe pedira sua sentença<sup>27</sup>.

FELÍNIO  
Não poderemos falar-lhe  
Sem petição bem notada

---

<sup>25</sup> Em Azinhal Abelho lê-se “a sombra”.

<sup>26</sup> Segundo a tradição, bem presente neste onde é referida a “cova”, a Sagrada Família ter-se-á recolhido numa caverna ou lapa e foi que nasceu o Menino Jesus. Diz Câmara Cascudo, no seu *Dicionário do folclore brasileiro* que, no Nordeste do Brasil a lapinha é também a denominação popular do pastoril, com a diferença de que era representada a série de pequeninos autos, diante do presépio, sem interferência de cenas alheias ao devocionário.

<sup>27</sup> Nas outras duas versões que vimos confrontando a forma que aparece é “tença”.

Que é rei dos céus e de terra  
E nós outros não somos nada.

LUCAS  
Não podeis ter que temer  
Providência há-de dar-nos  
Senão não vinha o anjo  
Da sua parte avisar-nos.

JUSTO  
Meu menino, vós cá  
Deixais por *trevolas* a luz  
E quanto bem no céu há<sup>28</sup>.

ROQUE  
Isso bem mostrado está  
Ser *finesa* superior  
Vós deitado nessas palhas  
Por livrar os pecadores.

FELÍNIO  
Pois se assim o quereis  
Faça -se a sua vontade  
E daquilo que sabeis  
Peço que tenhais piedade.

LUCAS  
Com viva fé e pura dor  
Fazei que sejam chorados  
E por vosso amor se faça  
Meu coração em pedaços.

Eu também peço, Senhor  
Que me sejam perdoados  
Por vosso santo amor  
Os meus *inormes* pecados.

*Oferece.*

JUSTO  
Meu menino, meu amor  
Tremo por nada trazer  
Pelo que trago ser pouco  
Para a um rei oferecer.

---

<sup>28</sup> Esta estrofe é idêntica à publicada pelo Padre Firmino Martins. Na versão de Azinhal Abelho encontramos mais um verso que nos ajuda a compreender o sentido: “Ó meu Deus, ó meu Senhor / Meu menino, vós por cá? / *Deixasteis* por treva a luz / Tudo quanto no céu há!”.

Estes figuinhos e passas  
Mais nada me acompanha  
Para os colher à unha  
Vali-me de minha manha.

Ficai-vos meu bem nascido  
Amor do meu coração  
Não vos esqueçais na morte  
De me dar a salvação.

ROQUE

Ó meu amante soberano  
Sendo vós tão delicado  
Sofreis estar nestas palhas  
Por nos livrar do pecado.

Eu sou o pastor mais pobre  
Não tenho que ir comendo  
Dai-me nesta vida pão  
E a salvação em morrendo.

Como vos vejo mui pobre  
Bem sei que sou confiado  
Aceitai este trigoinho  
Que ainda ontem foi comprado.

ROQUE

Adeus meu verbo divino  
Ficai-vos meu redentor  
Favorecei minha alma  
Por vosso santo amor.

FELÍNIO

Quem vos pôs nessa miséria  
Meu menino, meu amor  
Bem sei que foram meus pecados  
Ricos olhos, bela flor.

Mas se assim era preciso  
Para eu ser resgatado  
Grande vergonha é ver-vos  
Nessas palhinhas deitado.

Ó quem tivera *riquezas*  
Para vos oferecer  
Pois vós senhor tudo dais  
Sem eu nada merecer

Aqui estão estes figuinhos  
Aceitai que é coisa boa  
Crede que nem estes tinha

Que mos deu uma pastora.

Mas eu quero-vos pedir  
Que os aceiteis senhor  
Como dádiva de pobre  
Que é mostra de amor.

LUCAS

Vós bem sabeis senhor  
Que só venho por vos ver  
Que dádivas não tenho  
Que vos possa oferecer.

Bem sabeis e conheceis  
Aquele pobre pastor Lucas  
Se o meu gado não pelar  
Dar-vos-ei lã para umas luvas<sup>29</sup>.

Eles *vêm-se-vos* cá pintar  
Que os façais riquinhos  
Mas vós que os conheceis  
Mandai-os aos ninhos.

Como na vossa mão está  
O dar-me a salvação  
Cuja tenho por certo  
Amor do meu coração.

*Mais quatro pastores que são: Leandro,  
Dionísio, Pepa e Rufa*<sup>30</sup>

LEANDRO

Vaia, ricos companheiros  
Onde vos guia el destino?

DIONÍSIO

Nos lleva a Belém  
Visitar o menino.

PEPA

Que fulguedo, que festeis,  
Querida Rufa, tu no ois?

RUFA

Ai Pepa mira que *luses*

---

<sup>29</sup> Em Azinhal Abelho lê-se “peúcas” aparecendo também outra quadra, a seguir a esta, que não consta na versão do Padre Firmino.

<sup>30</sup> As intervenções destes pastores são (ou pretendem ser) em castelhano. De referir que, em Azinhal Abelho, este quadro é apresentando como a Segunda Pastorada.

Que rabeo de contente  
E tu non *duces*?

LEANDRO  
Valga-me los cielos santos  
Que hormonesura<sup>31</sup> que ciega los campos.

DIONÍSIO  
Me recontenta reverenta  
Por ver a rica menina  
Que governa a orienta<sup>32</sup>.

PEPA  
Rufa apressa los passos  
Vamos ver lo rico Dios  
Que ai venido a el mundo  
Para redencion de nos.

RUFA  
Quem lhegara a poner-lhe los ojos  
Quem los ponera?

LEANDRO  
Los ponere ió e mios companheros  
Mirando-se biem  
Com ojos linderos

DIONÍSIO  
Ó Redivino Jazu  
Repara para mi.

PEPA  
Gassus de anima mia  
Qui io te via solamente  
Para servirte seño [Señor]  
Mi Dios omnipotente.

RUFA  
Caminemos, companheros  
Com pracer e alegria  
Vissetar aquel tessoro  
Que se ofrece neste dia.

LIANDRO  
Ai dicha que alegria  
Vai nel mundo companheros  
Vamos ver-lo a pressa

Que nos somos los primeros.

*Cantam Gloria e diz Dionísio:*

Amo-vo divino jasu  
Tam esporvetinho  
Nas palhinhas nu.

PEPA  
Escuta lo que diz lonisio del cielo  
Que los anjos estam cantando  
Gloria in excelsis deo.

RUFA  
Mira Pepa que me assombro  
Que una luz mi ciega  
Que so puedo caminar  
Com la luz de tanta fiesta.

LIANDRO  
Amante mio señor  
Como estais desnudau  
Era corachinhas temblando  
Pobre ninho maltratau.

Si es falta de dinero  
En el mi faltriquero<sup>33</sup> trago  
Para voas ofrecer ninho  
Três quartos um cruzado.

DIONÍSIO  
Io me curo de verguença  
De vos ver tam desnudido  
Em corachinhas temblando  
Por tam rigoroso frio.

PEPA  
Isto son pecados mios  
No puedo sofrer sim darvos  
Unos pobres panalicos  
Mi Dios para embrulhar-vos.

---

<sup>31</sup> Por “hermosura”.

<sup>32</sup> Transcrevemos a versão de Azinhal Abelho: “Mi ir contenta e reverenta / Para ver o rei Menino / Que governa no Oriente”.

---

<sup>33</sup> Bolsa que as mulheres levavam no interior do vestido. A forma que nos aparece registada por J. Corominas e J. A. Pascual é *faltriquera*, derivada de *faldiva*, ou seja, a bolsa que as mulheres atavam à cintura debaixo da *falda*. Em todas as formas que, segundo os mesmos autores, sobrevivem em diferentes línguas, encontramos igualmente o feminino. Na nossa versão, a mudança de género pode ficar a dever-se à simples necessidade de rima.

RUFA

Dios divino dios soberano  
Como puede isto ser  
Baixar lá dos impirios  
E tam pobre vir nascer.

Nada tengo que darvos  
Se não esta sabanilha  
Para embolver el niño  
Que es dios da alma mia.

Io vos pido señora  
Que me deis buena fada  
Quando no siea mejor  
Ao menos de cassada.

LIANDRO

De vos no quiero mas nada  
Se no salute e vida buena  
Depois a salvacion  
É o que mi alma espera.

Si tambiem gostais de cigarro  
De conta venira  
Que em mi casa lo á  
E mi ermano lo trará.

*Mais dois pastores, que são Felício com o arado e  
Fausto com a espingarda.*

FELÍCIO

Eu pasmado de contente  
Morro louco certamente  
Com esta névoa de sono  
Que me tornou a pegar  
Foram-se os outros embora  
Onde os irei apanhar.

FAUSTO

Escuta la ó *bucatela*<sup>34</sup>  
Que tens amigo Felício?  
Vais com o arado às costas  
Parece um caso de riso.

FELÍCIO

Em riso não fales tu  
Meu amigo camarada  
Grande gosto foi meu  
Encontrar-te nesta estrada.

FAUSTO

Por grande que o teu fosse  
O meu ainda foi maior  
O eu não saber o caminho  
Isso ainda era pior.

FELÍCIO

Também eu ouvi uma voz  
Que me fez atormentar  
Nem ao menos lugar tive  
De o arado ir pousar.

FAUSTO

Esse caso foi o meu  
Eu bem creio o que tu dizes  
Porque andando eu a caça  
Me esqueceram as perdizes.

FELÍCIO

Andando eu a lavar  
Ouvi uma voz não sei de quem  
Que nascera à meia noite  
Um grande rei em Belém.

E com o grande gosto que tive  
Jamais me não pude ter  
Ainda não pousei o arado  
Nem o pouso até ver.

FAUSTO

Se não me engano já vejo  
O sítio onde está  
Pois luz que tanto ilustre  
Ainda não veio por cá.

*Cantam Gloria.*

FELÍCIO

Dizes bem, ora repara  
Parecem coisas no céu  
Que lá estão cantando  
Gloria in excelsis Deo.

Ó precioso tesouro  
Nesta terra humilhado  
Preciso foi assim para nós  
Livrar do pecado.

Muito sinto meu menino  
Meu amo de minha alma

---

<sup>34</sup> Certamente por “bagatela”, ou seja, coisa pouca ou de pouco valor.

O ver-vos aqui tão nu  
Nem que fosse lá na calma.

FELÍCIO

Eu vejo que só precisais  
Que eu chore os meus pecados  
Dai-me boa contrição  
Para que sejam bem chorados.

FAUSTO

Eu também da mesma sorte  
Nada tinha que vos dar  
Só se for uma perdiz  
Mas ainda a hei-de ir caçar.

Ficai-vos meu bem nascido  
Meu menino, meu amor  
Lembraí-vis no vosso reino  
Deste grande pecador.

*Mais quatro pastores que são: Lourenço,  
Fagundo, com seus zagais Galego e Muleque,  
avisados pelo anjo que diz:*

Eu venho segunda vez  
Por estes montes distantes  
Acordar os pastores  
Para que vivam *vegilantes*.

Pastores dessas montanhas  
Nesse sono ocupado  
Vinde ver o Deus Menino  
E deixai os vossos gados.

*Alhísseras* venho pedir-vos  
Ouvi-me muito atento  
Que já nasceu o Messias  
Do mundo o maior portento.

GALEGO

Gassus que no estou oindo  
Muleque lhama tu sior.

MULEQUE

Que carisso andar no robo  
Ou chamar mi seor para a ceia<sup>35</sup>.

GALEGO

No te acordas se no de la comida  
Ai aquel Corbim del cielo  
Mira como está belo  
Muleque lhama tu sio.

MULEQUE

Sior aia el mulequito blanco  
Cor um corbim com su fairo

*Acorda Lourenço e diz:*

Ai, ai que Muleque chama  
Lá vai embora meu gado  
Hei-de pingar o Muleque  
Se não o achar no bardo.

Fagundo meu companheiro  
Acorda já de repente  
Vamos dar volta ao gado  
Não venha o lobo da gente.

*Acorda Fagundo e diz:*

Mal haja quem me acordou  
Que estava bem sossegado  
Dormindo estava sonhando  
Com o cordeiro sagrado.

GALEGO

Ai que confusão esta  
Portentos *tam* misteriosos  
Verem-se nestas montanha  
Anjos tão deliciosos.

ANJO

Não te admires pastor  
Da parte de Deus te digo  
Que esta noite veio ao mundo  
O Messias prometido.

O mesmo que as *professias*  
Dizem, havia de nascer  
Descendente de David  
Da casa de *Esrael*.

E com este desengano  
Ide todos com alegria  
Dando louvores a Deus  
E mais à Virgem Maria.

---

<sup>35</sup> “Que ser isso? Andar os lobos nas ovelhas? / Vou chamar mi amo para a ceia”. Lê-se na versão de Azinhal Abelho.

## FAGUNDO

Louvado sejais meu Deus  
Alegrai-vos companheiros  
Que já veio ao mundo  
O príncipe dos cordeiros.

Não sei como Deus se lembra  
De nós uns pobres pastores,  
Em nos avisar primeiro  
Do que lá esses senhores.

## LOURENÇO

Eu nos meus livros achei  
Um texto que dizia  
Revelastes capa Celis  
Isso já eu o sabia.

Deus podera procurar  
Reis e imperadores  
Mas para nos *humilhar*  
Não procurou *pondenores*<sup>36</sup>.

Procurou os pobres pastores  
Nestes montes vigilantes  
E por isso mais amantes  
Pastores erant vigilantes.

## GALEGO

Sior mi amo  
Que cordeiro ai nascido  
Vamos le dar algo  
Que há-de estar moerto com frio.

Io levo-lhe um quexinho  
Dentro de mi montera  
Este no me lo quite algum  
Que lo mande vir da feria.

## MULEQUE

Levar nada ó espretio  
Que sos um negro mui pobre  
Em casa de mi sior  
Matar um escravo com fome.

Mi levar um esmigação  
De goma d'escorimá  
Se mi sio da licença  
Que Muleque tambien vá.

---

<sup>36</sup> Na versão de Azinhal Abelho os dois últimos versos desta quadra são os seguintes: “Mas, para se humilhar / Não procurou pundonores”.

## FAGUNDO

Azagais deixemos isso  
Preparai os instrumentos  
Vamos cantando louvores  
Em *honrra* destes portentos.

*Temperam os instrumentos e cantam. Cantam os dois pastores e repetem os moços a cantiga.*  
(*Cantiga*)

Deamos louvores a Deus nas alturas  
Que nos trou-se a paz para as criaturas.

*Repetem os moços.*

Deamos alabanças<sup>37</sup>.

## LOURENÇO

Que luzes que resplendores  
Estão nos portais de Belém  
Ó quem me dera já lá  
Para ver tão grande bem.

Já me não lembra meu gado  
Nem quantos cordeiros tenho  
Só quisera ver Belém  
Esse era o meu *impenho*.

Fagundo, que te parece  
Estaremos muito distantes.

## FAGUNDO

Vejo vir uma estrela  
Das partes do Oriente  
Que nos vai encaminhando  
A Jesus omnipotente.

Pois que ainda que é *insencível*,  
Procura o seu criador  
E nos vai encaminhando  
Louvado seja o Senhor.

Eu entendo que serão  
Seis léguas de longitude  
Vamos lá a toda a pressa  
Para que Deus nos ajude.

*Muleque para Galego diz aquilo ó sior.*

---

<sup>37</sup> Cf. castellano “alabanza” (elogio).

GALEGO

Siñores Muleque diz que tem  
Algo de ambre dentro de su barriga  
Io no estará mui farto  
No sei no que se lo diga.

LOURENÇO

Eu não lhe dei ontem à noite  
De comer até fartar  
A vista de tanta gente  
Me queres *emvergunhar*.

Eu ainda que sou pastor  
Tenho mui boas passagens,  
Como em taças de barro  
Deito-me pelas lages.

GALEGO

Mira, Muleque, mi amo  
Que plantas tem votado  
Diz que come em su chupana  
Em taças de barro.

Boto a Deus Galego,  
Que nunca lhe tengo visto  
Sino el caco del perro  
As toagas donde come  
Son dela pel del arres  
E a comida de uma vez  
Fai ma chegar para tres.

MULEQUE

Mi sior car bim fartaro  
Assim fuera su espertio  
Tam bem eu car bem fartaro  
Mas car do fome e frio.

Mio sior o que dar a mi  
Car o soro requemado  
Andar bem fartaro com el  
P'ra guardar bem o ganaro.

FACUNDO

Amigos, companheiros, não me  
Parece mal feito  
Que bebamos uma pinga  
Para *alegrar-mos* o peito.

LOURENÇO

Aqui está minha borracha

Que dará do que tiver,  
Quero-me tratar bem  
Já que não tenho mulher.

*(Bebem e comem)*

FAGUNDO

Ora, graças ao Senhor  
Que estão os azagais contentes  
Com esta pinga de vinho  
Não lhe hão-de tremer os dentes.

*Cantam glória.*

FACUNDO

Vamos cantando os louvores  
E dando graças aos céus  
Que também os anjos cantam  
Glória in excelsis deo!

LOURENÇO

Bendito sejas meu Deus  
Nessas palhinhas deitado  
Sois pão em terra nascido  
Em terra virgem criado.

Eu sou um pobre pastor  
Mas dou graças aos céus  
Que vejo que aos pastores  
Também apareceu Deus.

Nasceis pastor para nós,  
Nós somos ovelhas vossas,  
Prometi não se desgarrem  
As almas que já são vossas.

Prometi, meu Deus divino,  
A este pobre pastor,  
Que não perigue meu gado  
Enquanto aqui estiver Senhor.

Que os lobos por esta terra  
Andam de vários modos,  
Nossa Senhora nos livre  
De tanta casta de lobos.

É exemplo singular  
Nascêreis tão pobrememente  
Em pobres panos *embolto*  
Sendo vós omnipotente.

Eu queria oferecer-vos  
De *beneses* pastoris,  
Eu não pude pilhar mais  
Trago-vos esta perdiz.

Tende bem conta nela  
Não a pilhe algum falcão,  
Que depois das aves presas,  
Qualquer lhe deita a mão.

Perdoai o curto dado,  
Que sou um pobre pastor,  
Se quiserdes mais de mim  
Fazei-me bom caçador.

O que vos quero pedir  
Ó meu menino sagrado,  
Graça para a minha alma  
Aumento para meu gado.

E se for conveniente  
E de mim tiverdes dor,  
Deparai-me uma consorte  
E que tal para um pastor.

Ou seja rica ou pobre,  
Tenha boa condição,  
Que não tenha sido ama  
De algum escrivão.

FACUNDO  
Ó Belém, ó mais ingrato,  
Que o Sol com seus raios doura  
Quando cuidastes de ver  
O Sol numa *mangedoura*.

Ó Sol sobre natural,  
Que *alumeia* a todo o mundo,  
Dá calor os corações  
E ao pecado dá fundo.

Arde sem se ver arder  
Em amor dos pecadores,  
E com tanta humildade  
Faz caso dos pastores.

Atentos, meus companheiros,  
Que os pastores são *honrrados*,  
Pois Deus faz caso deles  
Que importa lá os morgados.

Esses todos passam bem  
No mundo em que estão,  
Mas os gostos desta vida  
São riscos de salvação.

Eu viver por esses matos  
Ameaçado das feras,  
Com os olhos vejo as estrelas  
Com os pés piso as pedras.

Nesses montes solitários  
Onde a fortuna me tem,  
Olho de uma parte a outra  
Por acaso vejo alguém.

Estando nesta solidão,  
Fui de um anjo avisado  
Que já viera ao mundo  
Remédio para meu pecado.

Ó que dita têm os homens  
E que mal correspondida,  
Ter remédio para suas queixas  
Da mesma parte ofendida.

Eu não sei com que vos pague  
Fineza tão *revelante*,  
Ofereço-vos a minha alma  
E um coração amante.

Também como vos vejo  
Com tão grande desamparo,  
Quero-vos dar um cordeiro  
Que é o melhor do meu gado.

Estimarei que esteja gordo  
Eu lá lhe apalpei o rabo,  
Se as costas me não enganam  
Ele não há-de estar mui magro.

O que vos quero pedir  
Em paga deste cordeiro,  
Que me leveis para o céu,  
Que o mundo é cativoiro.

Eu ando por esses montes  
Sabe Deus que frio eu rapo,  
Quando tenho uma camisa  
Já da outra não há farrapo.

Assim para que eu quero,

Nem ovelhas nem cordeiros,  
Adeus que eu vou para o céu  
Eu e os meus companheiros.

#### GALEGO

Io soi moço de otro moço,  
Que me lhaman azagal,  
No me dan de otra comida  
Si non de la que sabe mal.

He desgracia de quem sirvi  
Que non puede ter acciones,  
Tudo quanto gana  
No lhe chega para calções.

Si io viera de mi tierra,  
Velas bicas lhe traria,  
Para dar a S. Jossé  
E mais a Virgem Maria.

Mas lo que tenia  
Es algo de mia quexera  
Trago-vos um quexinho  
Dentro de mi montera.

Aqui lo tendes senhor,  
Perdonai la mi locura,  
Tende bem conta nel  
No lo quite el senhor cura.

Io queriavos pedir  
Que me haveis de perdonar,  
Que queria ter mujer  
Da casta de Portugal.

Que Portugal es hermosso,  
Lo mejor quer lo para si,  
Se algo no Io quiere  
Quiero lo io para mi.

Ainda que soi pobrecito,  
Quiero honrra virginal,  
Do que topam los galegos  
Que cassam en Portugal.

Assim quedai vos embora,  
Gassus, Maria e Jossé,  
Dai me vos lo que quisierdes  
Pois la gana buena es.

#### MULEQUE

Doce niño de mis ojos,  
Amante de mi osinia,  
Anti nia de mi alma  
Ante alma de mi vida.

Que ainda de ser negro,  
Mi corazon ser blanco,  
Quando falar em Jazú  
Logo me alegre tanto.

Cativo no sior,  
Non dar nara que non ter,  
Io trago um imigaço  
Para o nino comer.

#### *Entrada dos Reis.*

#### HERODES

Que horrorosa pena  
E infernal aflição  
É esta que aflige, queima,  
Abrasa meu coração.

Ai de mim que me vejo  
Abrasado e ardido  
Em um fogo *labaras*  
Que me leva consumido.

Ai de mim que vejo  
Todos os elementos irados,  
Esse novo luzeiro  
A levar-me os meus reinados.

Pois esse novo luzeiro  
Que hoje parece no mundo  
Faz-me desconfiar bem  
Não me queira tirar tudo.

Pois no mundo nunca vi este  
Ou outro semelhante  
Pois para a parte do orbe  
Deita claridade bastante.

Ai de mim, será já  
Cumprida a *professia*  
Daquele audaz Messias  
Que ao mundo prometia.

Um valoroso capitão  
Que a *Esrael* governará

Chamado ele o Messias  
E em Belém nascerá.

Olá, olá se acaso  
Sendo eu rei esforçado  
Entrara em meus domínios  
Quem me tire os meus reinados.

Pasmado, vivo confuso,  
Morro, em meu peito ardo,  
Em chamas vivas de fogo  
Antes que a vida acabe.

Esses sábios letrados  
Com quem tenho consultado,  
Me afirmam que é tempo  
Do Messias ter chegado.

Contra meu forte braço  
Quem será o atrevido,  
Sem temer que o abata  
Ou o deixe destruído.

Quem seria ou será  
Que em meu sólio real,  
Sem ser minha vontade  
Se atreverá entrar.

Nada se pode opor  
Para disto me tirar,  
Vou já tomar vingança  
Sem que me possam estorvar.

Pois sendo ele já nascido  
Não se me pode escapar,  
Para o que já determinei  
Os meninos matar.

De dois anos para trás  
Morraram todos já por lei  
Só para me vingar daquele  
Que se diz há-de ser Rei.

*Entrada dos Rei e diz Belchior:*

Quanto gostei encontrar-vos  
Rei Gaspar neste caminho,  
Para discernir convosco  
Sinais de prodígio.

GASPAR  
Esse era o meu desejo  
Belchior, Rei invicto,  
Pois também tais novidades  
Me trazem sumo aflito.

Vós por aqui Rei *cameada*<sup>38</sup>  
Vosso pensamento onde levava,  
Ó me jasu platino  
Me descubla el segledo  
Que faz o Messias  
Guiar o estrelo.

GASPAR  
Baltasar diz muito bem,  
Que a estrela que nos guia  
Mostra o tempo completo  
Que segura a *professia*.

BELCHIOR  
Já que os astros nos mostram  
O caminho desta dita,  
Não percamos a viagem,  
Ó que Deus tal não permita.

Vamos Rei e camarada,  
Ofereçamos ao Messias  
Ouro, prata e mirra  
De nossa monarquia.

HERODES  
Que é isto? Ai de mim!  
Que luminaria andante,  
Pois os meus olhos nunca viram  
Uma estrela tão brilhante.

Olá, que é isto agora,  
Que nos vem acometendo  
É alguma coisa de novo  
Segundo o que vou vendo.

Suspendei os vossos passos  
Não mudeis daí um pé  
Sem primeiro me dizerdes  
Cada um de vós quem é.

Pois com sacras diademas  
Bem ornadas vossas frentes,  
Sem que vos falem as púrpuras  
Ricas e equivalentes.

---

<sup>38</sup> Por “Rei de Cameada”.

GASPAR

Sim te diremos quem somos  
Se é da tua vontade,  
Pois conhecemos em ti  
Sinais de *magestade*.

Somos lá do Oriente  
Três *podorosos* reis,  
Vamos ver outro monarca  
Que é rei de todos os reis.

Ansiosos o buscamos,  
Para o adorar e ver,  
Que nos dizem há poucos dias  
A Belém fora nascer.

HERODES

Já poucos milhares vos restam  
Mas quero-vos *preguntar*,  
Quem vos deu licença  
De no meu reino entrar.

BELCHIOR

Nós vimos do Oriente,  
Por uma estrela guiados,  
Visitar o rei dos reis  
Destruidor dos pecados.

BALTASAR

Sim, sior Rei Belchior  
Nós também ser régio  
Bem *podorosos* e soberanos.

HERODES

Embaraçar-vos não pretendo  
Nem *dispersuadir*  
Vossos intentos sinceros  
Que ides a discernir.

Mas eu, sim, me admiro  
De a estrela se esconder  
Aos meus e vossos olhos  
Sem jamais a poder ver.

E por isso duvido bem  
Deixeis de ser devorados  
Desses bichos e feras  
Que há nesse monte fechados

GASPAR

Enganas-te ó Soberano,  
Lá fora do arvoredado  
Nossa fiel companhia  
Nos espera em segredo.

BELCHIOR

Como poderemos temer  
Esses brutos e feras,  
Se lá dos altos impérios  
Nos vem favor contra elas.

HERODES

*Proseguir* vossa jornada  
Pois esse é o meu empenho,  
Eu vos ofereço meu reino  
Tudo quanto nele tenho.

Vilas, cidades, aldeias,  
Até verdes o menino,  
De tudo sereis senhores  
Pois esse é o meu desígnio.

E tanto que o acheis  
Por aqui haveis de tornar,  
Dizer-me aonde está  
Para o ir adorar.

BALTASAR

Ficar certo meu amigo  
Que em *notre pobreza*  
Não há mais pequena falta.

*Marcham para diante e diz Herodes:*

Ai de mim que já mandei  
A todos os meninos matar,  
Ainda agora me afirmam  
Que este me há-de escapar.

A quem todos os mais reis  
Devem ter obediência  
Vou-lhe tirar a vida  
Sem a mais leve detença.

Vamos lá, ó meus vassallos,  
Façamos esta partida,  
Antes que seja maior  
Vamos-lhe tirar a vida.

GASPAR

Que é isto, Belchior,  
Não nos dê algum desmaio,  
Já se nos vai escondendo  
A estrela com seus raios.

BELCHIOR

Já isso me dá cuidado  
E quasi me admira,  
Pois de novo estou vendo  
Coisas de mais alegria.

GASPAR

Na verdade que já vemos  
O nosso bem desejado,  
Vamos prostrar-nos por terra,  
Com reverência adorá-lo.

BALTASAR

Vejo bem, meu *camiado*,  
Vamos convocar no chão,  
Adorar com ternura  
Oflecer o curaxão.

*Belchior de joelhos:*

Aqui vos vem procurar  
Ó meu Deus omnipotente,  
Este indigno escravo  
Que governa o oriente.

Sinto ver-vos tão *pobresinho*,  
Em lugar tão *despresado*,  
Bem conheço ser mistério  
Por nos livrar do pecado.

BELCHIOR

Peço que aceiteis  
Pois, Senhor, vós tudo dais,  
O resto dos meus tesouros  
Que é o rei dos metais.

Eu tudo vos quero dar  
Mas quero em recompensa,  
Depois de acabar a vida  
Viver na vossa presença.

GASPAR

Vós que ao mundo descestes  
Para remir pecadores,  
Lembraí-vos de mim que venho

Receber vossos favores.

Sinto ver-vos pobrezinho,  
Sendo vós Rei tão altivo  
Bem sei que foi para resgate  
Do vosso povo cativo.

Eu aqui a vossos pés  
Ofereço meu coração,  
Meu tesouro que é digno  
Da maior estimação.

E se nisto não dou nada  
Quanto tudo mereceis,  
Vos peço me aceiteis  
Uma acção *tam* limitada.

Para ir a vossa glória  
Louvar-vos *iternamente*,  
Ó minha Virgem Sagrada,  
Ó meu Deus omnipotente.

BALTASAR

Vós aqui nas palhinhas,  
Amor da minha vida,  
Tam esporvetinha  
Entre brutos metida.

Consinte que mui reverente  
Um vago de mira ofereça,  
Conserti em minha oferta  
Por vossa suma belesa.

*Vão-se e vem Fernando, preto, moço do rei preto,  
e diz:*

Para xempre, xempre,  
Seja louvado o xanto menino,  
O xanto José e a xanta mia.

ANJO

Ó Gaspar e Baltasar,  
Belchior, meus amigos,  
Que lá nesses Orientes tendes  
Os vossos domínios.

Recordai do vosso sono  
Ide-vos a retirar  
Para os vossos países,  
Antes de a Herodes tornar.

Pois como falso intenta,  
Vosso reino destruir,  
Ide visitá-lo  
E sua bênção pedir.

GASPAR  
Poderoso doutor menino,  
Lançai-nos a vossa bênção,  
A qual recebemos  
Aqui na vossa presença.

Para jornada fazer  
Assim foi determinado,  
Segundo aviso  
Por vós foi enviado.

BELCHIOR  
Altíssimo Senhor Rei,  
Engrandecido sejais,  
Já que vos baixastes  
Entre esses animais.

Eu bem desejo estar  
E meus companheiros também  
Aqui na vossa presença  
Mas vejo que não convém.

Nós vimos todos privados  
Em tal dita *soceder*  
Cumpra-se a vossa vontade  
Que a nossa não pode ser.

Permiti que vos *servamos*  
Com fiel união,  
E no fim da nossa vida  
Dar-nos-eis a salvação.

*Aqui entra o Anjo dos embaixadores de joelhos  
e diz diante do nascimento:*

Ó soberana imperatriz,  
Dos altos Céus e da terra,  
Pois sois do eterno pai  
Uma prima primogénita.

Sois digníssima *mãe*  
Desse *vervo* encarnado,  
Que tendes em vossos braços  
Digno de ser venerado.

Do divino Espírito Santo

Sois esposa graciosíssima,  
Templo do firme Sacrário  
De toda a Trindade Santíssima.

Sois Maria concebida  
Desde o primeiro instante,  
Sem mácula do pecado  
Que estais no céu triunfante.

Bendita sejais para sempre  
Para sempre sem fim amem,  
Pois trouxestes hoje ao mundo  
Aos homens o maior bem.

E vós salvador do mundo,  
Que todo o mundo salvais,  
Salvai o mundo perdido,  
E vós bendito sejais.

Ó que portento tão alta,  
Ó que admirável sentido,  
Com o vosso nascimento  
Ficou o mundo remido,

Com o vosso nascimento  
Ficou o mundo resgatado,  
Esta noite nos livrou  
Da escravidão do pecado.

Ó pecadores do mundo  
Não sabeis deste favor,  
Que esta noite vos fez,  
O divino redentor.

*Levanta-se e diz para o povo:*

Mundo que estavas perdido  
Pelo pecado de Adão,  
Que grande noite foi esta  
Para tua redenção.

*Alvíceras,* pecadores,  
Eu vo-las quero pedir,  
Que Cristo baixou à terra  
Só para o mundo remir.

Esta noite, pecadores,  
Grande feliz foi o mundo,  
Que Cristo baixou do céu  
Para resgate de tudo.

Vinde todos com prazer  
E grande contentamento  
Adorar a virgem pura  
E o Sagrado nascimento.

*Aqui torna a ajoelhar e “princepia” o primeiro embaixador:*

Abram-se as portas senhores  
Desse portal encerrado,  
Vamos ver o divino menino  
Deus e homem humanado.

Ó céus que já fosteis  
No sagrado nascimento,  
Ensinai-me onde esteja  
Tão admirável portento.

Pastores dessas montanhas  
Aqui me vejo perdido,  
Ensinai-me donde esteja  
O menino Deus nascido.

As donzelas deste povo  
Haverá uns oito dias,  
Terminaram de saber  
Da vinda do rei Messias.

Mas como ainda não sabiam  
Onde havia de nascer,  
Aquele bem tão desejado  
Que por nós há-de morrer.

Determinaram o mandar-me  
A mim por embaixador,  
Que soubesse onde estava  
O divino redentor.

Desejava de saber  
Por onde havia de caminhar,  
Para ver o rei da glória  
Que o mundo há-de salvar.

Ó majestade soberana,  
Dai-me luz nesta jornada,  
Para chegar a Belém  
Dar a minha embaixada.

Altos montes da Judeia,  
Dai alívio à minha preste,  
Dizei-me qual seja hoje

A causa de tanta festa.

*Pára algum tanto e diz:*

Só os ecos me respondem,  
Sem dúvida estou perdido,  
Pois não acho nestes montes  
Quem me responda ao que digo.

*Aqui responde o segundo:*

Vinde cá, embaixador,  
Vinde cá para diante,  
Que também para Belém  
Desejo ser viandante.

PRIMEIRO

Ó se eu tivera a fortuna  
De achar um companheiro,  
Que me levasse a ver  
O Messias verdadeiro.

SEGUNDO

Eu a tanto não me *abrigo*<sup>39</sup>  
Porém, vamos caminhando,  
Que o caminho de Belém  
Eu o irei procurando.

PRIMEIRO

Bendito sejais, meu Deus,  
Louvores vos quero dar,  
Por achar um companheiro  
Que me viesse a guiar.

SEGUNDO

O guiar-vos não seguro  
Porque não sei o caminho,  
Porém, fico satisfeito  
Levar companha comigo.

PRIMEIRO

*Poemos*<sup>40</sup> ter perigo  
Se não sabeis o caminho,  
Porém, em caso intento  
Não poderemos ter perigo.

---

<sup>39</sup> Por “obrigo”.

<sup>40</sup> Na versão do Padre Firmino Martins lê-se “poderemos”. Transcrevemos igualmente toda a estrofe, segundo a edição de Azinhal Abelho, pois nela o sentido é transparente: “Poderemos ter perigo / Se não soubermos o caminho / Porém eu fico contente / Por levar companha comigo.”

SEGUNDO

Eu também da mesma sorte  
Desejo levar companha,  
Por temer as bravas feras  
Que jazem nessa montanha.

PRIMEIRO

Também eu estimo bem  
Pela noite estar escura,  
Esperemos pelo dia  
Teremos melhor ventura.

SEGUNDO

Ó *magestade* soberana,  
Dai-nos luz nesta jornada,  
Para irmos a Belém  
Dar a nossa embaixada.

PRIMEIRO

Se a noite não aclara  
Ó meu inocente Jesus,  
Eu não mudo daqui um pé  
Sem me mandar uma luz.

SEGUNDO

Mandai-nos um Anjo do Céu  
Que nos venha ensinar  
O caminho de Belém  
Para vos ir adorar.

*Pára, até que o Anjo diz:*

Ó devotos, leais servos,  
Continuai vossa jornada,  
Vinde ver a Deus menino,  
Filho da Virgem Sagrada.

*Vai abaixo entregar-lhe duas luzes e dirá:*

ANJO

Aqui tendes estas luzes  
Eu serei a vossa guia,  
Para verdes a Jesus  
Filho da Virgem Maria.

*Virá para diante e os embaixadores de trás, e diz:*

Vinde comigo, meninos,  
A dar o vosso recado,

E vereis a Jesus Cristo  
Numas palhinhas deitado.

PRIMEIRO

Já poderemos, companheiro,  
Continuar nossa jornada,  
Pois que tivemos tal guia  
Que nos ensinou a estrada.

SEGUNDO

Então vamos caminhando  
Sem ter algum desvio,  
Que também os pastores  
Não temeram o caminho.

PRIMEIRO

Já vejo que a toda a pressa  
Os desvelados pastores  
Deixaram os seus rebanhos  
Nos desertos destes montes.

SEGUNDO

Segundo diz *Esaiás*  
Escreve este intento,  
Vamos alegres visitar  
O sagrado nascimento.

PRIMEIRO

Que nascimento de rei  
Se celebra hoje no mundo,  
Será *talves* algum rei  
Que terá governo de tudo.

SEGUNDO

Conforme os santos padres  
Será Jesus nascido  
Na cidade de Belém  
O esperamos ver nascido.

PRIMEIRO

Daqui donde estou vejo  
Parece e não me engano,  
Aquele Deus tão pequenino  
Que as almas está numerando.

SEGUNDO

Eu daqui mesmo diviso  
Logo naquela entrada  
Uma divina princesa  
Toda de flores cercada.

*Aqui ajoelham, o Anjo no meio, e diz o Anjo:*

Aqui estão, ó virgem pura,  
Aqui estão, inocente Jesus,  
Aqui estão os que pediam  
Lhes mandasses uma luz.

#### PRIMEIRO

Bendito sejais, meu Deus,  
Pois movido de amor,  
Sofreis ser atormentado  
Por livrar o pecador.

Ó meu Deus onnipotente,  
Perdoai o meu engano,  
Já que das almas dos homens  
Sois o manjar soberano.

#### SEGUNDO

Ó Soberana Senhora,  
Compadecerei-vos de mim,  
Lembraí-vos daquele tempo  
Do sacerdote Levi.

Ao qual fostes entregue  
Para guardar virgindade  
Em que excedestes a todas  
Da vossa sociedade.

Sendo vós *mãe* de Cristo  
Filho do Padre Eterno,  
Esposa do Espírito Santo  
Que nos livrou do inferno.

Não vos posso mais dizer,  
Ó minha virgem sagrada,  
Quero que meu companheiro  
Dê a sua embaixada.

#### PRIMEIRO

Ó soberana senhora,  
Aqui venho enviado,  
Prostrado aos vossos pés  
Para dar o meu recado.

As donzelas deste povo  
Querem-vos vir visitar  
Querem-vos trazer um ramo  
Se lho quereis aceitar.

Quero-vos pedir licença  
Com profunda humildade,

E daqui lha vou pedir  
Ao senhor reverendo abade.

Senhor reverendo abade,  
Deus lhe dê mais do que tem,  
Se quer ser afortunado  
Vá aos portais de Belém.

Que decerto achará  
Numas palhinhas deitado  
Jesus Cristo feito homem  
Destruidor do pecado.

*Mãe* deste é Maria,  
José pai putativo,  
É Rei de todos os reis  
Pastor do Ireneu perdido.

Porém, antes de lá ir  
Quero-lhe pedir licença,  
Que as meninas deste povo  
Venham à sua presença.

Cantando e oferecendo um ramo  
Com alegria  
Ao menino Deus  
Filho da Virgem Maria.

Alegre-se todo o mundo,  
Haja alegria na terra,  
Pois no rigor do Inverno  
Temos nele a Primavera.

Vinde com o vosso ramo  
E com vosso contentamento  
Adorar a virgem pura  
E o sagrado nascimento.

Mas em primeiro lugar  
Enviai vossa oferta,  
Oferecida à virgem pura  
E ó verdadeiro Profeta.

#### MENINAS

##### PRIMEIRA

Levantem-se, senhores,  
Deixem passar a quem vem  
Que de uma é cortesia,  
De outra parece bem.

Pois eu sei que os pastores  
No alto cume da serra  
Deixavam os seus rebanhos  
Para vir ver esta festa.

Desejava de saber  
Por donde hei-de caminhar,  
Para ver o rei da glória  
Que o mundo há-de salvar.

O sagrado nascimento  
Que desculpa vos darei,  
Deitei-me e adormeci-me  
Ainda agora *escordei*.

Agora mal posso ir  
Dar a minha embaixada  
Que me vejo perdida  
Por não saber a estrada.

Haverá neste deserto  
Quem queira fazer companhia  
A uma triste menina  
Que jaz nesta montanha.

A noite está muito escura,  
Ó minha virgem sagrada,  
Eu daqui não mudo pé  
Sem me mandar camarada.

*Responde a segunda:*

SEGUNDA  
Espere lá ó companheira,  
Não vá para aí perdida,  
Eu por aqui tenho andado  
Sei os ecos a *montina*.

PRIMEIRA  
Vinde cá, ó companheira,  
Segui-me nesta jornada,  
Vamos ver o grande fruto  
Que deu a virgem sagrada.

SEGUNDA  
Vamos lá, ó companheira,  
Adorar com devoção  
Aquele Deus que veio ao mundo  
Para nossa redenção.

PRIMEIRA  
Louvado sejais, meu Deus,  
Louvores vos dou em tudo,  
Pois já veio a Belém  
Para resgate de tudo.

SEGUNDA  
Esta noite nos livrou  
Daquela escravidão  
Em que estávamos metidos  
Pelo pecado de Adão.

*Ajoelham.*

PRIMEIRA  
Ó soberana Senhora,  
Desculpa vos venho dar,  
Que não achei onde eu durmo  
Quem me viesse *escordar*.

SEGUNDA  
Eu também real senhora,  
Não sabia de tal sorte,  
Quem me ensinou o caminho  
Foi a estrela do norte.

Deus vos salve, ave santa,  
Ave sois que bem voais,  
Pois sois vós e vosso filho  
Quem todo o mundo salvais.

Que no princípio do mundo  
Aquele Eva pecou,  
Esta ave sempre pura  
O mundo de culpa livrou.

PRIMEIRA  
Senhor reverendo abade,  
Sirva-se de perdoar,  
Pela oferta ser pequena  
Assim a há-de aceitar.

SEGUNDA  
Oferece-lhe a oferta  
Com zelo e devoção,  
Àquele Deus que veio ao mundo  
Para nossa redenção.

Oferece-lhe a oferta  
Com zelo e humildade,  
Pois ela é pequenina

Mas é de boa vontade.

PRIMEIRA

Eu quero-vos pedir licença,  
Ó minha Virgem Maria,  
Para que entrem as donzelas  
Com prazer e alegria.

Entraí, donzelas, entraí,  
Por estas portas adentro,  
Vinde cantando louvores  
Ao sagrado nascimento.

SEGUNDA

Vinde oferecer vosso ramo  
Que a licença está pedida,  
Pelo Filho de Deus Padre  
Vos foi hoje concedida.

*Depois que vem mostrar sua “franquesa”:*

PRIMEIRO

Senhor Reverendo Abade,  
Pároco desta igreja,  
Dê licença a dois que *vem*  
Mostrar sua *franquesa*.<sup>41</sup>

SEGUNDO

Amostrar sua franqueza  
Dizes bem, ó camarada,  
Pois eu a quero mostrar  
À virgem santa sagrada.

PRIMEIRO

À virgem santa sagrada  
Vamos com toda atenção,  
Adorar a Deus Menino,  
Filho do seu coração.

SEGUNDO

Filho do seu coração  
E de certo companheiro,  
Só ela foi escolhida  
Do grande Deus verdadeiro.

PRIMEIRO

Do grande Deus verdadeiro  
Nasce a criação do mundo,

Dos animais que habitam  
Na terra, no mar profundo.

SEGUNDO

Na terra, no mar profundo,  
Grandes cousas há-de haver,  
E por isso companheiro  
Tenho bem que te dizer.

PRIMEIRO

Tenho bem que te dizer,  
Me dirás tu companheiro,  
Como tu não és letrado  
Nisso não ganhas dinheiro.

SEGUNDO

Nisso não ganho dinheiro  
Dizes bem e tens razão,  
Eu não pretendo riquezas  
Só pretendo salvação.

PRIMEIRO

Só pretendes salvação  
Isso é do meu agrado,  
Eu pretendo também  
O estado de casado.

SEGUNDO

O estado de casado,  
Companheiro, tu que dizes,  
As mulheres sendo boas  
Sempre queimam os *narises*.

PRIMEIRO

Sempre queimam os *narises*  
E de certo não te enganas,  
Para armarem uma *entriça*  
Bastam bem duas castanhas.

SEGUNDO

*Bastão* bem duas castanhas  
E de certo, companheiro,  
Elas são muito *capases*  
De embrulhar o mundo inteiro.

PRIMEIRO

De embrulhar o mundo inteiro  
Não to posso acreditar,  
E por isso, meu amigo,  
Meu desejo é casar.

---

<sup>41</sup> Como se pode constatar pela nossa edição digitalizada, em cima desta estrofe foi colado um papel.

SEGUNDO

Teu desejo é casar  
Faz tudo o que quiseres,  
Pois eu deveras te digo  
Que não posso ver mulheres.

PRIMEIRO

Não podes ver mulheres  
Isso não é assim,  
Se as podes caçar  
Não as deixas para mim.

SEGUNDO

Não as deixo para ti  
Segundo o teu parecer,  
Mas afirmo-te em verdade  
Que eu que nunca as pude ver.

PRIMEIRO

Não podes ver as mulheres  
Disso não quero saber,  
Eu só quero que me digas  
Tu que vens aqui fazer.

SEGUNDO

Eu que venho aqui fazer,  
Me *preguntas* companheiro,  
Eu quero o céu por esmola  
E amar a Deus verdadeiro.

PRIMEIRO

Eu também amo a Deus  
Dele espero salvação,  
E também muita fortuna,  
Regalo do coração.

SEGUNDO

Regalo do coração  
Nunca terás, companheiro,  
Pois no tempo presente  
Regalo é ter dinheiro.

PRIMEIRO

Espera lá, ó companheiro,  
Que para acabar a jornada,  
Para chegar a Belém  
Tomaremos uma pitada.

SEGUNDO

Tomaremos uma pitada  
Se tu me fazes a graça,

Agora também bebíamos,  
Mas esqueceu-me a cabaça.

PRIMEIRO

Esqueceu-te a cabaça  
Nesta ocasião,  
Eu como não tinha vinho  
Também não trouxe pão.

Adeus, minha senhora,  
Protecção do mundo inteiro,  
Eu vos peço uma esposa  
E também muito dinheiro.

SEGUNDO

Adeus, ó virgem sagrada,  
*Mãe* de Deus omnipotente,  
Eu vos peço o céu por esmola  
E também para esta gente.

PRIMEIRO

Adeus, ilustre auditório  
Bem paciência tendes tido,  
Mas o trabalho foi meu  
De vos ter advertido.

SEGUNDO

Adeus, ilustre auditório,  
Ficai na paz do Senhor,  
A maior pressa que tenho  
É ir tocar o tambor.

PRIMEIRO

Tu vais tocar o tambor  
E eu toco as castanholas,  
Estes ficam-se rindo  
Por nós sermos mariolas.

FIM.